

"Se planejamento é papel, quando vamos pra prática? ": Quilombolas de Linharinho (ES) e seus pontos de vista sobre os direitos ao território e as políticas públicas

Ms. Renata Beatriz Rodrigues da Costa¹

Palavras-chave: CRAS Quilombola, política, municipalidade

A Comunidade Quilombola de Linharinho está localizada na macrorregião norte do estado do Espírito Santo no município de Conceição da Barra. É distante da capital Vitória e próxima a um famoso destino turístico nacional dos amantes do forró de pé de serra: a Vila de Itaúnas. A proximidade geográfica entre as duas localidades, no entanto guarda distância e distinção baseada na tradicionalidade que é reivindicada pelos quilombolas e guarda as suas diferenças em relação ao aspecto turístico da Vila.

As pesquisas realizadas nas comunidades quilombolas do Espírito Santo alcançam mais de duas décadas com destaque para os trabalhos de diferentes autores do campo da antropologia e geografia que tem teses na área (Ferreira,2009 ;Oliveira,2005; Silva,2012) e de dissertações mais recentes na área das ciências sociais e do direito (Costa,2018 Oliveira,2017, Rodrigues,2016). Nestes trabalhos são abordados desde temas clássicos do campo como os oriundos da produção de laudos antropológicos, aspectos cosmológicos, práticas quilombolas femininas antirracistas, patrimônio imaterial , jongueiros e caxambuzeiros, e os impactos da luta dos sujeitos dessas comunidades nos processos judiciais advindos dos conflitos com as empresas mineradoras ou celulósicas.

Nesta comunicação meu objetivo é compreender como as falas de um pequeno grupo de quilombolas e assentados percorrem caminhos sinuosos em uma reunião com a municipalidade organizada por eles no CRAS Quilombola Negro Rugério localizado em Conceição da Barra. Das falas do grupo afluem em profusão elementos da memória, da história e da tradicionalidade que demarcam sua diferenciação. Navegando pelo uso de sentenças figuradas e de cobranças o grupo cria um efeito de autoridade dos narradores e de anterioridade, e tal como a metáfora do navio negreiro que empregam em dado momento da reunião suas falas percorrem a sala oscilando, cruzando e desafiando os

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. ”

discursos para aportar em seu destino e objetivo final. Em todo o trabalho faremos uso dessa imagem do barco, do mar, do navio, com a finalidade de pensar a escrita antropológica como projeção para pensar a margem. Muito longe de romantizá-la como pontua Grada Kilomba (2020, p.68) trata-se aqui mais de pensa-la como local que nutre a capacidade de resistir à opressão par acionar a transformação.

Este trabalho dialoga com as premissas da antropóloga americana Sherry Ortner (2006) sobretudo quando a autora propõe a ideia dos jogos sérios e aponta para a necessidade de considerarmos a intenção dos sujeitos e sua busca no encaicho do que denomina de projetos culturalmente definidos , atenta aos riscos da romantização e do essencialismo o trabalho teórico de Ortner (2006) é seminal por articular de modo importante a clássica e complexa relação entre agência e estrutura sem no entanto hierarquizar uma em detrimento da outra.

Às informações oriundas da ata da reunião que descrevo neste trabalho, uno um mapa, fotos, um heredograma e anotações do próprio diário de campo. Penso que a discussão proposta por Ortner (2006) dialoga com a proposta de Talal Asad (2017) para recuperar aspectos que são basilares ainda hoje na produção do conhecimento antropológico tais como o parentesco, a etnicidade e o poder e que são oriundos da escola da antropologia britânica social. A virada pós-colonial na antropologia argumenta ele imputou a reclassificação de alguns autores e escolas da antropologia, acusados de estarem comprometidos com o colonialismo em África e Ásia.

Asad (2017) não ignora essa possibilidade mas argumenta que mais do que reconhecer as contribuições dessa escola para a dominação de povos pela máquina colonial é preciso transformar o próprio colonialismo em objeto de pesquisa e utilizar esses autores à luz de uma espécie de crítica das fontes tal qual como fazem os historiadores. É preciso considerar que as discussões realizadas pela da antropologia social britânica ainda são importantes para as etnografias que lidam com temas como o parentesco e a reciprocidade e reconhecer isso não é o mesmo que coadunar com práticas de dominação dos povos não-europeus pelo colonialismo.

No contexto brasileiro Eliane Cantarino O'Dwyer (2010) aponta para a ressementização do termo quilombo, em sua leitura a territorialidade como ocupação de terras para uso comum difere-se da organização em pequenos loteamentos. As pesquisas feitas em todo o país mostram que em comunidades quilombolas as atividades agrícolas, pesqueiras ou extrativistas respondem a períodos demarcados pelos quilombolas na relação com a terra

e se destacam : o parentesco, a vizinhança e as relações de compadrio em alianças de solidariedade. Nosso trabalho se inspira nas considerações de O'Dweyr (2010) para o entendimento da construção do termo comunidades de quilombos.

Este trabalho é fruto de etnografia realizada durante cerca de 11 meses para defesa do mestrado em Ciências Sociais, mesmo depois da defesa continuo desenvolvendo projetos na comunidade em parceria com as mulheres que acompanhei: Dona Gessi, Dona Valdentora e Geanis Cosme. O texto está organizado em três partes, na primeira exploro o começo da reunião e alguns dados históricos sobre os quilombos da região de Conceição da Barra, na segunda parte apresento a partir da ata da reunião falas tanto dos quilombolas como da municipalidade, e por fim os encaminhamentos e reflexões finais da reunião e algumas considerações sobre o destino político de alguns dos atores da ocasião como prefeito e vereadores.

Na seara municipal de Conceição da Barra quilombolas e assentados se mostram atentos aos movimentos do poder público e buscam por meio de sua reunião e mobilização produzir impactos e mudanças nas regras do jogo.

Este texto tem como característica uma descrição holística desse momento único de uma reunião organizada pelos quilombolas com a municipalidade, pensei nessa escrita como uma espécie de reunião pois considero que esse exercício é uma forma de preencher a vida que não se traduz pelo viés antropológico. Apresento então uma leitura possível que emergiu a partir da percepção de contradições em nosso próprio fazer que por vezes reproduz e esvazia o lugar da agência e das singularidades de sujeitos e sujeitas quilombolas. Pretendi aqui operar nesse campo das contradições e correr perigo, ciente dos limites das palavras que não tenho e dos gestos que não são possíveis de etnografar como uma respiração mais profunda, um revirar de olhos, e um sorriso de agradecimento ou aquiescência. Atenta as sentenças desejo ao leitor uma boa viagem por essas linhas.

Pegando a estrada

Começo a percorrer a trilha que nos colocará no centro do salão de reuniões do CRAS Quilombola Negro Rugério em Conceição da Barra no dia 09 de agosto de 2017 às 09:30hs da manhã, e a essa altura eu já fazia trabalho de campo há quase 1 ano ainda não completado. Naquele dia permaneci durante toda a reunião sentada anotando em um livro caixa que continha os nomes de todos os 33 participantes da reunião. Diante de nós estava uma cesta de palha contendo abóbora, abobrinha, feijão branco e preto, mandioca, couve,

alface e um facão da lida no roçado. Estavam ali reunidas pessoas das comunidades de: Linharinho, Córrego da Angélica, Coxi, Roda D'água e Morro da Onça².

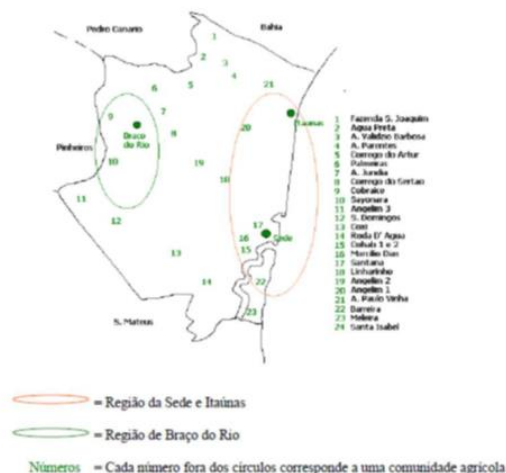


Figura 1: Mapa de Núcleos Urbanos e Comunidades Quilombolas de Conceição da Barra

Fonte: Diagnóstico Participativo de Conceição da Barra produzido pela SUDENE/PNUD em conjunto com comunidades (2001)

Uma das maneiras que encontrei de estar no campo era auxiliar nas demandas em que podia ser útil e que me eram solicitadas pelas sujeitas da pesquisa, dentre as atividades para as quais me selecionavam de modo mais contante estavam: o registro fotográfico de encontros, a busca de informações sobre benefícios, programas do governo e secretarias estaduais, e ainda informações sobre legislações e produção de atas de reuniões.

Para mim como pesquisadora era uma maneira de conhecer as pessoas e ser de algum modo útil para aqueles que me davam pousada já que durante o trabalho de campo eu raramente fiquei em hotéis ou pousadas na Barra que é como os quilombolas se referem comumente ao centro da cidade.

Nos acompanhamentos às mulheres que fiz durante o trabalho de campo e as reuniões com a municipalidade barrense eram frequentes, à época em uma gestão do partido PSDB. Nessas ocasiões comumente os quilombolas eram tidos como antimodernos, criadores de caso (caso das reuniões com a INCAPER INCAPER-Instituto Capixaba de Pesquisa,

² No município de Conceição da Barra as comunidades se encontram distribuídas e organizadas da seguinte maneira de acordo com o RTDI(Relatório Técnico de Delimitação e Identificação) de Linharinho : núcleos urbanos de: Cobraice, Sayonara, Braço do Rio e Itaúnas, formados em sua maioria por quilombolas expropriados de suas comunidades nas décadas de 1970 e 1980. Comunidades rurais de Água Preta, Córrego do Artur, Palmeiras, Barreiras, Meleiras, Parentes; e Quilombos do Angelim 1, Angelim 2, Angelim 3, Angelim DISA, Córrego do Macuco, Córrego do Sertão, São Domingos, Linharinho, Córrego de Santana, Coxi, Roda D'Água, Córrego Santa Isabel e Dona Guilhermina.

Assistência Técnica e Extensão Rural, o órgão estadual recomendava por meio de seus técnicos o estabelecimento de parcerias com celulósicas), e desorganizados.

Para melhor entendimento do texto é válido explicar o que são os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) eles são unidades do que é chamado na política do sistema único de assistência de: proteção social básica já que há três níveis de proteção: a básica, a média e a alta. Suas atividades incluem: reuniões com grupos de mulheres, idosos, e juventude para fortalecimento dos vínculos familiares, disseminação de informações sobre benefícios sociais e oficinas de capacitação para o mercado de trabalho. Os CRAS orientam a população sobre benefícios como o BPC (Benefício de Prestação Continuada), auxílio-funeral e realizam o cadastro no CAD único (Cadastro único da Assistência Social) que dá acesso ao bolsa família e isenção em concursos públicos.

Tendo eu mesma trabalhado na assistência social durante 7 anos na capital do Espírito Santo, pude acompanhar o alvorecer da aplicação do SUAS e de uma gestão que se pretendia cidadã. O CRAS Quilombola foi um dos braços das políticas do programa Brasil Quilombola que reunia à época em uma agenda transversal ações e projetos destinados aos quilombos em todo o Brasil, tendo como seu maior entrave as restrições orçamentárias.

O CRAS Quilombola Negro Rugério em Conceição da Barra leva o nome e a história da população negra escravizada da região que se aquilombou próximo a Fazenda São Domingos, como contam cronistas e os próprios quilombolas que recriam essa história a partir de seu imaginário em parte legado pelas memórias e em parte ressignificado pelo contato com os pesquisadores. Em tese sobre a história das relações políticas em Conceição da Barra no período colonial Russo (2007) discorre rapidamente sobre como se aquilombaram até 1882 nessa região da atual Conceição da Barra negros liderados por Silvestre Nagô e Negro Rugério nas terras da fazenda de Rita Cunha. Na comunidade quilombola de Linharinho a genealogia das famílias contada por matronas como Dona Valdentora dos Santos e Dona Gessi Cassiano remonta ao último ancestral que trabalhou na fazenda cujo nome era : Joaquim Felipe da Vitória que foi escravo na fazenda de Antônio Rodrigues da Cunha e Rita Maria da Conceição Gomes da Cunha, o casal que pertencia a uma das oligarquias de senhores de terras da Vila da Barra de São Mateus.

A Vila da Barra de São Mateus compreenderia atualmente os municípios de Conceição da Barra , o município de São Mateus e mais alguns municípios da Bahia.

HEREDOGRAMA DA FAMÍLIA CASSIANO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO QUE LOCALIZA O ANCESTRAL QUE FOI ESCRAVIZADO NA FAZENDA DE RITA CUNHA

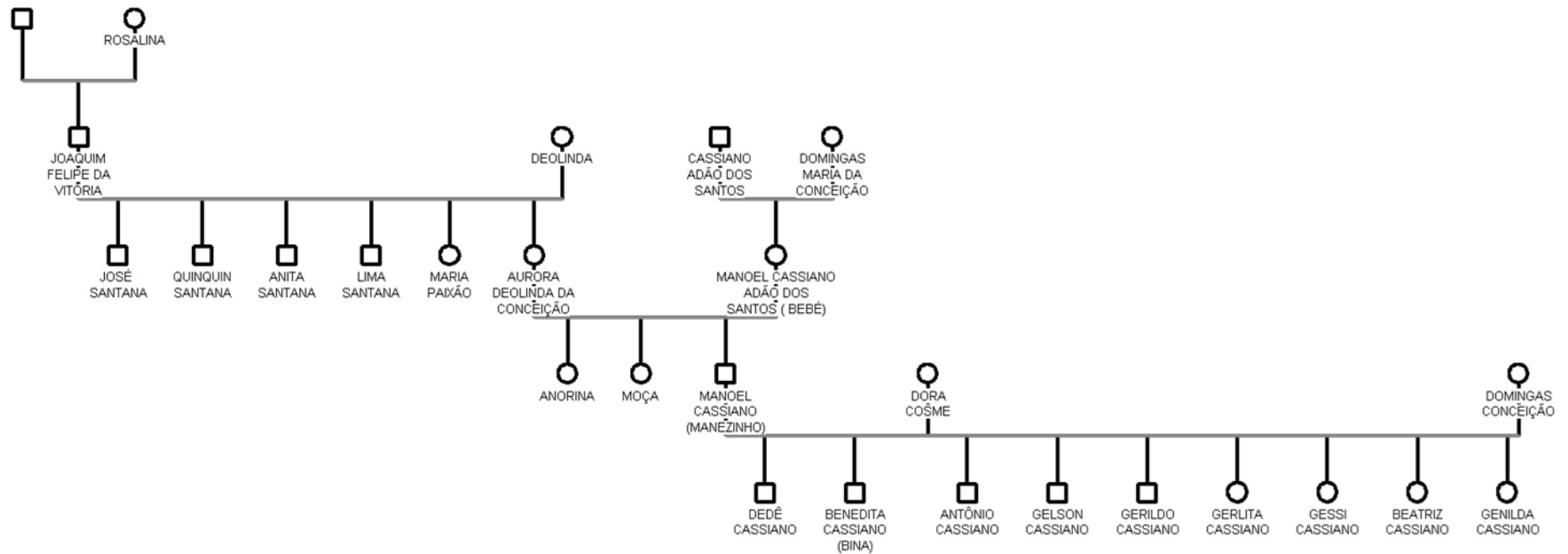


Figura 2: Genealogia do tronco familiar dos Cassiano

Fonte: Material confeccionado pela autora do texto.

Navegando em águas caudalosas

Na manhã do dia da reunião saímos em um carro do modelo pampa rumo ao local, antes passamos pela sede da associação de agricultores da qual na época Dona Gessi Cassiano e a quilombola Flávia da comunidade de Angelim eram líderes para pegar utensílios, um banner para ser exposto na reunião, e de sua horta Dona Gessi havia pego algumas aboboras e couve que seriam exibidas juntamente com outros alimentos levados por pessoas das outras comunidades ou oriundos da sede da associação de agricultores.



Figura 3: Dona Gessi Cassiano e Milton funcionário de associação de agricultores reúnem vegetais e hortaliças antes da reunião começar no CRAS Quilombola

Fonte: Foto tirada pela autora

Entre os representantes da municipalidade estavam o IDAF (Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal), a INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa e Assistência Técnica e Extensão Rural), a presidente da Câmara de vereadores do município de Conceição da Barra e um vereador do município vizinho: São Mateus, uma representante do IFES (Instituto Federal do Espírito Santo), uma ONG, além dos funcionários da prefeitura das pastas de assistência social, educação e cultura e os quilombolas e assentados.

A reunião se iniciou já com questionamentos por parte dos organizadores que desejavam a presença do prefeito da gestão: Francisco Vervloet conhecido pela alcunha de Chicão que não havia comparecido e sim enviado representantes por meio dos funcionários da prefeitura.

A pauta tinha três pontos: a prática do racismo institucional percebida no CRAS Quilombola no que se refere ao cumprimento da política do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos)³ no acolhimento das demandas dos produtores da agricultura familiar, os novos projetos voltados para as comunidades quilombolas e de assentados que seriam implantados na atual gestão do Prefeito Francisco Vervloet (O Chicão) e ´por fim a escuta e retorno do poder público diante das demandas apresentadas

Recuando um pouco no tempo é preciso retomar que eu vinha acompanhando as demandas levantadas por Dona Gessi Cassiano, quilombola de Linharinho, organizadora da reunião e afeita aos programas de revalorização das hortas e da agricultura familiar, há vários meses. Ela que na condição de neófita e retornada ao quilombo, já que havia migrado para a cidade exercendo durante mais de duas décadas o trabalho doméstico, buscava um lugar para si e incorporava a suas ações o desejo de ser parte da memória local, de construir seu próprio nome, tendo encontrado na agricultura familiar a possibilidade de complementar seu sustento e uma mudança de vida que valorizava suas origens e o legado de seu Pai de quem se coloca como herdeira.

Antes de iniciar Dona Gessi pediu aos presentes que se levantassem para fazer um momento de silêncio pelo falecimento recente de Dona Francisca filha de Dona Antônia cuja alcunha era Moconduta ou Conduta sobrepondo-se às retóricas institucionais mais uma vez as memórias e a história dos quilombolas dava a tônica na reunião.

Conduta é muito conhecida das mais velhas das comunidades pois foi costureira de muitas famílias quilombolas que solicitavam a ela a produção de saias, vestidos, camisas a partir de cortes de fazenda dos períodos de novembro a janeiro todos os anos.

Com um pano verde cobrindo a cabeça Dona Gessi iniciou a fala fazendo um pequeno histórico do que era o Sapê do Norte antes da presença de ONGS, instituições e pesquisadores no território. Narrou como era viver do facho (cata de restos de eucalipto que não servem para a produção de celulose) e como a mudança realizada por essas

³ O PAA (Programa de Aquisição e Alimentos) é um programa governamental que incentiva a agricultura familiar, parte da produção dos quilombolas e assentados que convocaram a reunião era distribuída para famílias cadastradas pelo CAD único no CRAS Quilombola e beneficiárias do Bolsa família a outra parte compunha a merenda escolar no município por meio de contrato.

populações era visível, a presença de pessoas de várias comunidades diferentes na reunião era uma mostra disso. Em sua fala conferiu destaque para as ações de Dona Elda Maria Alvarenga dos Santos (Dona Miúda) da comunidade quilombola de Linharinho e pioneira na luta pelos direitos das comunidades do Sapê do Norte.

Sobre o tempo maldito ou da maldição que era o trabalho no facho rememoro as palavras de Beatriz Cassiano, irmã caçula de Dona Gessi, com ela caminhei algumas vezes pela área onde ficavam os antigos fornos, ao nos aproximarmos ela dizia que aquele trabalho os consumia e por essa razão ela o chamava de maldito.

Na sociologia de Michel Pollak (1989) o enquadramento da memória é apresentado como uma maneira de manter a coesão interna do grupo e preservar o que é comum a todos, sobretudo quando trata do mal do passado que são as memórias oriundas de guerras, conflitos e situações nas quais o esquecimento é impossível e a lembrança precisa ser inscrita num campo mais alargado.

O tempo maldito ou da maldição nos fornos de carvão e da catação do facho foi pouco falado para mim durante todo o trabalho de campo, enquanto ouvinte sempre que o assunto surgia numa conversa ou quando estávamos andando pela comunidade e nos aproximávamos dos antigos fornos de carvão hoje desativados a sensação que tinha era que quando as pessoas tocavam no assunto as palavras faltavam, muito do que haviam compartilhado na prática dessa atividade parecia estar no campo do indizível , do detestável, da perda e do adoecimento, algo capaz de gerar efeitos igualmente maléficos.

No entanto o contexto atual de pandemia da COVID-19 acentou as desigualdades sociais e econômicas de tal maneira que em algumas comunidades do Sapê do Norte a catação do facho começa a ser retomada, assim como a invasão do território quilombola por migrantes e pessoas que compram terras ilegalmente.

Em entrevista concedida durante o trabalho de campo sobre o tema Dona Gessi disse:

Nós trabalhávamos no *facho*, as vezes tirávamos dois caminhões de lenha. Um pra despesa, despesa que eu falo assim, que as vezes nem dava pra pagar tratô [trator], baldeio, motosserrista, pagar carro pra puxar a gente, que era ônibus, que as vezes nem dava porque o caminhão de lenha era duzentos, trezentos reais, entendeu? Nós trabalhávamos... Nós, nós trabalhávamos só pra se alimentar. Só pra ir pro supermercado. E aí todo mundo começou a adoecer. Pressão alta, outros visão, né? Que tinha vezes que a gente estava tirando *facho*, eles metiam o tratô, passava como tratô batendo veneno. Teve gente que ficava tonto, entendeu? E aí eu rezava muito. Pedia. Pedia não, até hoje eu peço à São José que ele, ele é o protetor da família. Apesar das comunidades serem uma longe da outra, mas é família. E quando fala de família é coisa dóida. É como uma pessoa. Se você não tem uma família, você não tem uma identidade. Você não sabe nem de onde você veio. Pode ser de criação, mas se torna uma família.

Imagine nós que fomos criados com Pai, Mãe, Avô, Vó tudo junto e depois a gente se perdeu. (Entrevista concedida por Dona Gessi a autora, 2017)

Dona Gessi tecia os caminhos de sua apresentando traçando paralelos entre a mudança dos quilombolas e assentados que passaram da condição de beneficiários do recebimento de cestas básicas para agricultores que produziam o próprio alimento e comercializavam sua produção com escolas locais, famílias da região, além de completar a composição das cestas básicas de outras pessoas.

Em seguida na reunião a fala e a voz que percorreria o salão seria a de Antônio Sapezeiro integrante da Comissão Quilombola⁴, ele pontua desde o começo que a prioridade da reunião deve ser a sistematização de ações com compromisso e encaminhamentos por parte da municipalidade. Ele aponta para o símbolo presente na bandeira de Conceição da Barra hasteada em um dos lados do salão onde acontece a reunião, o símbolo que é lido como uma estrela para Sapezeiro é uma adaga de quatro pontas que ataca e faz do município uma cidade isolada, fechada em si mesma.



Figura 4: Bandeira de Conceição da Barra
Fonte Sítio eletrônico <http://conceicao-da-barra.blogspot.com/2015/12/bandeira-do-municipio.html>

Acrescenta que enquanto as empresas continuarem a envenenar o solo e as nascentes é preciso a luta para não perecer.

Flávia Santos, mulher jovem da comunidade quilombola de Angelim pede a palavra e começa cobrando a presença do vice-prefeito Jonias e do prefeito Francisco Vervloet no que é interrompida pelo gerente de políticas para o meio ambiente da prefeitura: Jorge

⁴ A Comissão Quilombola reúne lideranças das comunidades quilombolas e levanta desde a década de 1980 as demandas políticas que mobilizam as comunidades. Para saber em profundidade sobre o nascimento da comissão ler: SILVA, Sandro José da. **Do fundo daqui. Luta política e identidade quilombola no Espírito Santo**. Tese (Doutorado em antropologia) Programa de pós-graduação em antropologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro 2012.

Alexandre da Silva também conhecido como Jorge Alex que afirma estar representando os dois.

A presidente da Câmara de vereadores de Conceição da Barra: a vereadora Mirtes Oliveira se apresenta, faz uma fala inicial sobre o tempo que conhece os quilombolas, e declara que o município tem 63% da área plantada com eucaliptos e 52% da população desempregada.

Em seguida, o vereador de São Mateus: Paulo Paschoal se apresenta e diz que está sim familiarizado com o que acontece nas comunidades, se apresenta como um amigo e diz que trabalhou na diocese da igreja católica por 10 anos com comunidades populares, nesse tempo tinha frequente contato com os quilombolas já que assinava o recebimento das cestas básicas que eram entregues a eles por meio da CONAB.(Companhia Nacional de Abastecimento).

Ao fim o vereador da Câmara de São Mateus finalizou a fala dizendo se recordar dos tempos nos quais a onda do trabalho em condições análogas às da escravidão era feito para a produção do carvão, e diz que ele, um homem branco, sempre assumiu a negritude de São Mateus e Conceição da Barra.

Depois destas falas os funcionários da prefeitura de Conceição da Barra começaram a pedir a palavra, a técnica do meio ambiente do município se apresenta e explica que Conceição da Barra está dentro da Mata Atlântica, afirma que a atual gestão conta com a assessoria da ONG S.O.S Mata Atlântica e afirma que existem seis áreas de proteção ambiental no município, o que destaca como algo positivo. A técnica discorda dos dados apresentados pela presidente da câmara de vereadores Mirtes sobre a presença do eucalipto que acredita ser menor.

A diretora de uma outra ONG ambiental e de assistência social a interrompe e parabeniza Dona Gessi Cassiano e Flávia Santos pelo trabalho, reafirma que o município tem sim o solo constituído por 70% de eucaliptos e afirma que se hoje algo mudou isso se deve ao esforço dos próprios quilombolas e assentados. Pontua que a condição de insegurança alimentar não é novidade, e que as pesquisas feitas sobre o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e o PAA na região apontam há um certo tempo o racismo institucional enfrentado pelos quilombolas e assentados.

Josielson Gomes dos Santos da comunidade de Morro da Onça, começa sua fala agradecendo o convite feito para a mobilização e assim como Flávia Santos e Dona Gessi retoma o questionamento em torno da ausência do Prefeito Francisco Vervloet e do secretário de agricultura para debater as políticas, afirma que o que falta é: investimento

e frisa: “o planeta está pedindo socorro. O eucalipto acabando com as nascentes, nossos córregos estão secos.”

Essa é uma fala que acontecerá em diversos momentos das reuniões pelos quilombolas e assentados, como ondas a todo momento a ausência do prefeito e do vice é trazida de novo a discussão, essa repetição produz uma dinâmica na reunião, e faz afluir muitos questionamentos de cada uma das comunidades ali representadas.

Josielson Gomes dos Santos diz que a comunidade de Morro da Onça faz a diferença, e conta que foram plantadas cerca de três mil e duzentas mudas de banana para reflorestamento, finaliza enfatizando que se até mesmo a água para o consumo humano nas comunidades vem da Prefeitura e “está do jeito que está” uma atitude precisa ser tomada.

É importante dizer que as alusões à água, as nascentes e a navegação feitas pelos quilombolas são muito mais do que ilustrações já que os rios e córregos no contexto local representam mais do que apenas fonte de água para o consumo. São parte integrante das memórias locais, conformam aspectos da religiosidade e do território. O momento atual é de assoreamento dos córregos na bacia hidrográfica do rio Itaúnas e bacia hidrográfica de São Mateus que cerca as comunidades quilombolas do Sapê do Norte.

De acordo com relatório técnico de percepção ambiental produzido em janeiro de 2018 pelo governo do estado do Espírito Santo contido no Diagnóstico e Prognóstico das Condições de Uso da Água nas Bacias Hidrográficas o estado do Espírito Santo enfrenta desde 2014 uma grave crise hídrica com chuvas abaixo da média, e a seca tem sido sentida com maior intensidade no norte capixaba⁵, em diversos momentos passei por episódios de falta d`água na Comunidade de Linharinho e escutava as reclamações dos técnicos de uma monocultura de celulose que desenvolvia trabalhos ali sobre o gosto de água salobra que saía das torneiras em São Mateus.

Em seguida Genilda Cassiano: presidente da ASMUCLIN (Associação de Mulheres da Comunidade de Linharinho) questiona a fala da técnica de meio ambiente da prefeitura a respeito dos dados apresentados, relata preocupação com a execução de projetos pela prefeitura.

⁵ Fonte das informações sobre recursos hídricos: Diagnóstico e Prognóstico das Condições de Uso da Água na Bacia Hidrográfica do Rio São Mateus. Planos de Recursos Hídricos das Bacias Hidrográficas. Atividades Preliminares. Agência Estadual de Recursos Hídricos. Janeiro de 2018. FAPES. Instituto Jones dos Santos Neves. Governo do Estado do Espírito Santo. 2018.

Genilda Cassiano fala da apreensão causada pelos problemas de pesagem que os agricultores vêm sofrendo constantemente e de como a atual coordenação do CRAS não tem flexibilidade com os agricultores. Situação que na visão dela leva a novos conflitos. Diz da importância do CRAS e de sua equipe ser composta por pessoas sensíveis às demandas propostas pelas comunidades.



Figura 5: CRAS Quilombola Negro Rugério em Conceição da Barra

Fonte: Registro fotográfico da autora, 2017

“Nós não caímos de paraquedas pois viemos de navio”

Esse movimento sinuoso , que lembra mesmo a navegação onde a cada fala dos quilombolas e assentados a municipalidade era interrogada sobre a ausência do prefeito e seu vice , onde as pontuações eram objetivas e práticas a fim de solucionar problemas e ter encaminhamentos para as demandas apresentadas se choca com a presença de um jornalista. A presença da imprensa parece reforçar nas autoridades a busca para encontrar um inimigo, no caso em questão a monocultura de celulose começa a partir da chegada da imprensa a comparecer nos discursos de vários deles como a causa dos problemas vividos pelos quilombolas.

Ao mesmo tempo, diante de demandas objetivas como: “Como comercializar galinha vivas nos programas de alimentação da prefeitura?” não eram respondidas de pronto. Não quero com isso deixar de reconhecer os projetos de morte operados na relação entre as celulósicas e o meio ambiente que produzem impacto nos modos de vida dos quilombolas. Meu objetivo é demonstrar que no nível dessa micropolítica o jogo de cena reproduz os discursos “verdes” feitos por mineradores e celulósicas no nível da macropolítica , quase como uma teia esses discursos se retroalimentam e incluíam na gramática da

municipalidade palavras como empreendedorismo, organização, produtividade e zelo pela natureza.

Outro ponto que quero destacar é que Dona Gessi Cassiano e muitos dos quilombolas ali presentes são oriundos de comunidades quilombolas jongueiras ou caxambuzeiras ⁶, dialogamos com as premissas do trabalho de Leda Maria Martins (1997) para adensar o entendimento das gramáticas que circulam na reunião. A autora apresenta os rituais da linguagem dos congadeiros e situa seus modos de enunciação, se destacam nos cânticos e no que ela denomina de paisagem textual as correlações que dialogam com o uso da ironia como estratégia retórica, e a vinculação do narrador a um universo narratário que o antecede, o constitui e o inclui.

Foi depois de breve intervalo que a técnica de meio ambiente pediu a palavra e se dirigiu a Dona Gessi Cassiano, ela disse que Dona Gessi deveria saber quando é a hora de ela estar presente ou não, e afirma que os próprios quilombolas e assentados dificultam as coisas, sua fala termina com a afirmação:

“A senhora apareceu em uma reunião para a qual não havia sido convidada aqui na prefeitura, caiu de paraquedas em uma sala num lugar que não era para você estar.”

Em seguida Dona Gessi Cassiano também pediu a palavra para dizer: “Eu não posso cair de paraquedas por que os meus vieram de navio. Jamais entro em lugares onde não sou convidada a estar. Você com certeza se enganou.” Dona Gessi diz que como negra e quilombola sabe que os negros vieram para o Brasil na condição de escravizados, e a técnica então se cala.

A reunião se segue e Luciana servidora federal do IFES de São Mateus se apresenta e diz que a ausência do governo federal é flagrante no que diz respeito aos processos de titulação, afirma que sem território não há segurança alimentar inclusive, destaca a importância de lutar pelo cumprimento do direito das comunidades.

A palavra é passada para o funcionário da secretária de Cultura Natan Santana, que se apresenta como representante do patrimônio imaterial da Prefeitura de Conceição da

⁶ Jongos e Caxambu podem ser entendidos como coloca o pesquisador Osvaldo Martins de Oliveira (2019) referências culturais criadas no Brasil pelas capacidades poéticas e artísticas de povos africanos de origem bantu e seus descendentes, que foram escravizados nas fazendas de café localizadas nesta região. No Espírito Santo, o nome jongo se refere às cantigas entoadas nas “rodas de jongs” ou “rodas de caxambu”. Caxambu, na região sul do Espírito Santo, é o nome atribuído ao tambor, o principal instrumento tocado nessas “rodas” e celebrações ritualísticas. Os jongueiros se definem como grupos de jongo, referindo-se ao conjunto dos elementos do ritual. As “rodas” de caxambu ou jongo são realizadas por comunidades jongueiras que se reúnem para tocar instrumentos musicais (tambor, ganzá ou reco-reco), dançar e cantar de forma poética e desafiadora às diversas situações sociais vividas por eles. Desse modo, o termo “jongocaxambu” refere-se a esse círculo ritualístico, dinâmico e mutável nas regiões norte e sul do mesmo Estado.

Barra e como jongueiro do grupo de Jongo São Bartolomeu ao mesmo tempo, afirma em seguida que “ nós fomos expulsos de nossas terras” e fala do cotidiano alimentar das comunidades marcado pelos ensaios de Reis de Bois onde o que se comia era pamonha e o beiju. Diz que os maiores problemas do município são o cultivo do eucalipto e da cana. Jurema Thomaz da Conceição (Juju) do Córrego da Angélica diz que faz dela as palavras de Natan e relembra que quando o bispo de Dom Aldo Gerna, completou dez anos o prelado disse para as comunidades que não vendessem suas terras pois o futuro que se desenhava para elas era de fome e miséria. Ela ala dos problemas que as comunidades e solicita aos vereadores Mirtes e Paulo medidas.

A vereadora Mirtes fala que a reunião está fugindo ao seu propósito pois os pontos de pauta não estão sendo explorados nas falas das pessoas e que encaminhamentos precisam ser feitos nesta reunião. Desculpa-se por fazer este tipo de fala, mas afirma que ela é necessária, o vereador Paulo afirma que está à disposição.

Antônio Sapezeiro defende que a reunião não está fugindo do tema, fala da importância das falas dos quilombolas e assentados e pergunta: “Afinal, qual o papel dos agentes aqui? Temos erros de todos os lados, eu mesmo já fui preso por bater de frente com a polícia ambiental, tudo o que estamos falando aqui está interligado.”

Flávia Santos da comunidade de Angelim afirma que o projeto da agricultura proposto pela prefeitura não tem brechas para a agroecologia que pratica, além disso falta assistência técnica e a INCAPER não tem tido de acordo com ela condições de atender as demandas das comunidades.

O responsável pela gerência de geração de emprego e renda Jorge Alex responde que: “quando o prefeito me convidou para a administração sabia quem eu representava” ele segue dizendo que também trabalha com a agroecologia e afirma que as comunidades quilombolas foram responsáveis no passado por todo o sucesso que o município já teve. E se o município é pobre hoje isso se deve ao fato de vivermos a maior tragédia ambiental no norte do ES e diz que a questão ambiental sim é que deve ser discutida e não a pauta. Informa que estão construindo um organismo específico dentro da prefeitura pra atender as associações de agricultores das comunidades quilombolas e assentados.

Informa que será instalada uma agência de trabalho, emprego, geração de renda e empreendedorismo e diz que a secretaria de agricultura passa por uma reformulação.

Afirma que o serviço público carece de qualidade e diz que o prefeito está empenhado nisso, acrescenta que a conjuntura nacional e estadual dificulta a implantação das políticas e fala que vai fazer tudo o que for possível.

Flávia Santos repete a pergunta feita a ele sobre a assistência técnica que o município não dá ele responde que irá levar essa demanda para a gestão e dar retorno. Diz que tudo depende da peça orçamentária.

Encerrado esse primeiro bloco, a técnica de meio ambiente solicita novamente a palavra e pede desculpas a Dona Gessi Cassiano, afirma que ela não caiu de paraquedas e que quis dizer que ela estava na reunião errada. Informa que a prefeitura está identificando comunidades nas quais irão desenvolver projetos e afirma que não defende a monocultura e sim a família pois a sua própria trabalha e vive do mangue , sendo ela uma simples funcionária pública. Diz que veio a reunião pois ama a Mata Atlântica e pede ao grupo que ajude a mobilizar as comunidades pois a recuperação de áreas degradadas e nascentes é fundamental.

Em réplica Dona Gessi Cassiano explica que o IDAF (Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo) tem pronto todo o mapeamento das comunidades e questiona qual seria o motivo da gerência de meio ambiente fazer um novo mapeamento sem aproveitar o que já existe. Afirma que se não há nascentes é por conta da poluição das celulósicas e explica que se o Rio São Domingos está com três metros de fundura isso também se deve a monocultura. Então se o IDAF e o IEMA (Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos), sabem de todos esses problemas por qual razão a prefeitura quer refazer um diagnóstico? “Se planejamento é papel, quando vamos para a prática?” interroga.

O vereador Paulo pede a palavra e muda completamente de assunto, conta que teve uma reunião com o bispo católico para tratar do grito dos excluídos e diz que apesar de estar no poder, ele não pode e nem nós “podemos adormecer no poder”, pede que os representantes da prefeitura consigam uma agenda com o prefeito. Diz o vereador: “eu sou agricultor, meus filhos são agricultores, encontrei muitos negros sem luz dentro das comunidades quando trabalhei no programa Luz para todos. Será que vamos voltar para as trevas?”

Alessandro Antônio da INCAPER diz que o produtor que os procura é orientado para trabalhar sim seja com o uso de agrotóxicos seja com a agroecologia. Em seguida a nova secretária de assistência social que ainda não havia se manifestado até então se apresenta e diz que assumiu o cargo há cerca de dois meses e está organizando a pasta. Afirma que tem todo o interesse de resolver problemas e diz que tanto ela como o prefeito querem tratar as pessoas com carinho e cuidado. Sugere como encaminhamento convidar para a próxima reunião a secretaria de saúde.

Anne Margareth da secretaria de educação por sua vez traz a contribuição da cozinha industrial como forma de solucionar a recepção da mercadoria e os problemas de pesagem que já existiram na educação. Ela propõe que seja feito um trabalho com a produção orgânica em todas as associações quilombolas, e informa que a secretaria de educação tem vinte e oito itens da agricultura familiar fazendo parte da merenda escolar.

Explica que a parceria da educação com a agricultura familiar tem por objetivo a cada ano agregar novos produtos. Anne Margareth propõe que uma reunião como essa com quilombolas e assentados seja realizada a cada trimestre.

Antônio Sapezeiro pergunta a Anne da possibilidade de fornecimento de galinhas vivas para a merenda escolar, ela explica que se os produtores das associações se organizarem para fornecer filé de frango sem osso na quantidade necessária pode ser comprado, Flávia acrescenta que gostaria de entregar ovos também.

Anne Margareth explica as razões do contrato com os produtores não ter sido cumprido integralmente em 2017. Ela explica que como sobraram mercadorias dos contratos durante três meses e não foi necessário fazer a aquisição de novos produtos. Isso está relacionado ao fato do programa Mais Educação, de educação em tempo integral não ter acontecido este ano o que fez diminuir a demanda pela merenda.

Flávia Santos agradece a disposição da funcionária da secretaria de educação, mas aponta que o município não tem serviço de inspeção municipal e que enquanto não se organizar para isso os produtores serão sempre prejudicados, já que alguns produtos só podem ser comercializados com a chancela da inspeção. Sustenta se dirigindo a secretária de assistência social que os agricultores devem ter assento no conselho de assistência social para que eles conheçam melhor os produtores e suas demandas, a secretária faz um sinal de joia com as mãos.

Com a reunião se encaminhando para o fim uma das representantes de uma ONG começa sua fala sobre a destruição da floresta, e aponta a necessidade de Conceição da Barra construir um plano de municipal de meio ambiente em que não considere a plantação de eucaliptos como floresta. Ela expõe e relaciona a crise hídrica como uma das maiores provas do que o plantio de eucalipto tem feito a São Mateus e a Conceição da Barra. Finaliza dizendo que espera que a reunião gere frutos.

Dona Gessi Cassiano encerra sua fala dizendo do legado das comunidades da importância dos parceiros e pede a todos para que se fortaleçam para a união em busca da vitória que buscam. Agradece a presença de todos os presentes.

Jogo de cena

Para mim que fazia a ata durante as reuniões coube colocar minhas impressões na conversa de volta para a comunidade quilombola de Linharinho na pampa, no almoço regado a farinha e pimenta ficou claro que os quilombolas já conheciam esse modo de dar espaço sem escutar as demandas, de se mostrar disposto e ao mesmo tempo fechar as possibilidades de contato.

Em diversos momentos da reunião os diálogos aconteciam em planos distintos, com a municipalidade operando uma gramática abstrata com palavras como : carinho, amizade, afeto além de promover seu discurso como um lugar de valorização da Mata Atlântica, das florestas e do propósito de conter a plantação de eucaliptos.

A natureza aparece como agente quase dissociado dos homens, intacta, precisa ser contida, domada e protegida. É Milton Santos em O Espaço do Cidadão (1987) que afirma que: as desigualdades sociais são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra. Seu tratamento não pode ser alheio às realidades territoriais.

Nessa fratura entre homem e natureza a administração exerce seu poder retórico para criar uma nova realidade a partir de seu discurso que apresenta um mundo verde e sem gente. No ano seguinte ao da reunião em 2019 o prefeito Francisco Vervloet teve o mandato cassado⁷ durante a campanha eleitoral, foi acolhida denúncia junto ao Tribunal Eleitoral que por unanimidade condenou o político a pagar cerca de 35 mil reais ao estado por ter utilizado o cargo de secretário da assistência social para fazer campanha e ganhar votos por meio da alocação de vagas em cursos profissionalizantes.

A presidente da Câmara de Vereadores de Conceição da Barra Mirtes Eugênia do partido PR à época da reunião respondia a uma ação do Ministério Público por apoio ao nepotismo de um dos vereadores da casa que contratara como assessor o sobrinho. Depois da cassação do prefeito Francisco Vervloet ele ainda conseguiria retornar ao cargo mas se tornaria inelegível para anos seguintes.

Em nosso almoço perguntei a alguns dos quilombolas que eu havia acompanhado na reunião se estavam cientes do jogo de cena das autoridades, com um sorriso me responderam: “você sabe que mar calmo, não faz bom marinheiro.” Ainda assim o grupo

⁷ Neste endereço eletrônico do jornal local A Gazeta está disponível reportagem detalhada sobre a cassação do mandato do prefeito Chicão: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/prefeito-de-conceicao-da-barra-e-cassado-por-abuso-de-poder-politico-0919>.

compreendia a importância de percorrer esses caminhos para como o barco aportar em algum momento em terra firme.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talas, REINHARDT, Bruno. Tradução: **Introdução à Anthropology and the Colonial Encounter**. Revista Ilha, v. 19, n. 2, p. 313-327 , 2017.

Diagnóstico e Prognóstico das Condições de Uso da Água na Bacia Hidrográfica do Rio São Mateus. Planos de Recursos Hídricos das Bacias Hidrográficas. Atividades Preliminares. Agência Estadual de Recursos Hídricos. Janeiro de 2018. FAPES. Instituto Jones dos Santos Neves. Governo do Estado do Espírito Santo. 2018.

FERREIRA, Simone Raquel Batista **“Donos do lugar”: a territorialidade quilombola** Tese (Doutorado em antropologia) Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo, Mazza Edições, 1997.

O'Dweyr. Eliane Cantarino. Terras De Quilombo No Brasil: Direitos Territoriais Em Construção In Almeida, Alfredo Wagner Berno de(org) in: **Caderno de debates Nova Cartografia Social** vol. 01, Nº. 02 Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **O projeto político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação das terras**. 2005. Tese (Doutorado em antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

OLIVEIRA, Natane Franciella de. **Um quilombo contestado: análise sobre o processo de demarcação de terras quilombolas**. (2017). Dissertação (Mestrado em Direito) Programa de Pós-Graduação em Direito Processual, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória 2017.

ORTNER, SHERRY B. **Uma atualização da teoria da prática: reflexões sobre a agência**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25, 2007, Goiânia. Conferências e práticas antropológicas: poder e projetos: reflexões sobre a agência, Goiânia: Nova Letra, 2007.p17-44.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGUES, Luiz Henrique. **Quilombolas e jongueiros: uma etnografia nas comunidades de Linharinho e Porto Grande, Conceição da Barra (ES)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória 2016.

RUSSO, Maria do Carmo de Oliveira. **Cultura política e relações de poder na região de São Mateus: o papel da câmara municipal (1848/1889)**. Mestrado de História Social das Relações Políticas Programa de Pós-graduação em História do Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória 2007

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Edusp; 7ª Edição, São Paulo, 2007

SILVA, Givânia. **Vencer o Racismo Institucional: Desafios da Implementação das Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas** In Almeida, Alfredo Wagner Berno de(org) in: Caderno de debates Nova Cartografia Social vol. 01, Nº. 02 Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

SILVA, Sandro José da. **Do fundo daqui. Luta política e identidade quilombola no Espírito Santo**. Tese (Doutorado em antropologia) Programa de pós-graduação em antropologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. - Episódios de Racismo Cotidiano**. Tradução Jess Oliveira, Rio de Janeiro, Cobogó, 2019